

*Falar demais...*

RAUL PILLA

O CRONISTA político de «A Gazeta», de São Paulo, é, pelo visto, muito lido no *Eclesiastes*, que cita sem propósito, mas de parlamentarismo não conhece nada. Basta dizer que, para êle, como «tôda a gente sabe» e «o diz o próprio nome», «o parlamentarismo é o governo do Congresso». Nada mais falso: governo do Congresso é o que os autores denominaram governo convencional, ou governo de assembleia, tal o que se praticou por ocasião da Revolução Francêsa.

No sistema parlamentar, como no presidencial, ou no colegial, quem governa é o governo; o que varia são as relações entre o governo e a assembleia representativa. No sistema parlamentar, o governo depende da confiança do Parlamento, a cuja constante inspeção está sujeito pelas interpelações, mas não se confunde com êle, tanto que lhe pode provocar a dissolução. Há um perfeito equilíbrio dinâmico entre os dois poderes e à nação cabe restabelecê-lo, quando se rompe.

Desfeito êste grave engano do cronista, respondo agora a arguição de incoerência, que me faz: se as nossas assembleias representativas são simples conglomerados, sem consciência, como quero fique o governo brasileiro ao sabor delas?

Ora, o que caracteriza o sistema parlamentar é não só a responsabilidade política do poder executivo, mas também a responsabilidade do poder legislativo. Manifesta-se esta principalmente porque a qualquer momento, pode êle ser chamado a prestar contas ao eleitorado, mediante a dissolução. Fôsse embora constituída dos mesmos homens, a Câmara dos Deputados comportar-se-ia diferentemente num e noutro sistema, exatamente pela mesma razão por que diversamente se comportam os ministros e o presidente da República; diferentes são as funções, diferentes as condições, diferentes as responsabilidades.

Além disso, adotado o novo regime e deslocado para as Câmaras o maior interesse do eleitorado, porque delas passaria a depender a constituição do governo, quando agora a preocupação dominante, senão exclusiva, é a eleição do chefe do Poder Executivo, maior cuidado haveria, por certo, na escolha dos membros do Poder Legislativo.

Increpa-me o cronista o falar demais. Quem, porém, falou demais foi êle, por falar do que não sabe...